

A forma fácil e a pintura *do tipo* Brasileira

A exposição coletiva “Pintura *do tipo* Brasileira” tem em seu título uma sutil sugestão de contranarrativa que atravessa uma cara metodologia historiográfica chamada formalismo. A metodologia formalista, como se sabe, se inicia com a teoria da pura-visualidade de Konrad Fiedler e sua consequente aplicação pelo historiador da arte suíço Heinrich Wölfflin em obras como “Os conceitos fundamentais da história da arte” e encontra um dos seus últimos grandes representantes ainda no século XX, através das reflexões e da produção textual do crítico de arte americano Clement Greenberg.

Assim sendo, “Pintura *do tipo* Brasileira” pretende fazer uma remissão irônica ao famoso artigo publicado pela primeira vez em 1955, intitulado “*American type-painting*”, que pode ser encontrado com as seguintes traduções: “Pintura do tipo Americana” e em tradução mais recente como “Pintura à Americana”. Neste trabalho, Greenberg reúne esforços retóricos pautados na criação de dois fundamentais parâmetros estéticos de qualidade para autorizar e afirmar a potência da geração de artistas pertencentes ao expressionismo abstrato americano a partir de conceitos evolutivos de planaridade (*flatness*) e de pureza.

Pensando na iniciativa Greenberguiana, isto é, a de legitimar diante da tradicional hegemonia europeia toda uma geração de artistas americanos, sobretudo, após o término da segunda guerra mundial, reiterando a massificação do imperialismo cultural ianque, pretende-se afirmar, da mesma maneira, utilizando o arcabouço teórico da metodologia formalista como alicerce, a produção pictórica contemporânea brasileira diante do atual panorama hegemônico que privilegia e destaca ainda majoritariamente artistas europeus e americanos. *Yes, nós temos pintura!*

Para tanto a mostra coletiva buscou reunir de maneira inédita, artistas de gerações distintas da arte contemporânea brasileira estabelecendo uma “Forma Fácil”, isto é, de fácil compreensão para o observador e para o público não cultivado (outra contranarrativa que sugere uma oposição à narrativa sobre a “forma difícil” desenvolvida pelo crítico de arte Rodrigo Naves em livro homônimo).

Inspirada no desejo modernista de totalidade e baseada na apreensão tipológica ou taxonômica de algumas obras especificamente circunscritas na esfera do campo pictórico, a exposição justapõe trabalhos de dimensões variadas e elementos estéticos plurais que vão desde a silenciosa planaridade dos *colorfields* às narrativas figurativas de cunho político. Encontram assim uma espécie de transição de linguagens exatamente entre a figuração e a abstração.

Renata Gesomino.

Prof.^a Dr.^a. IART-UERJ. Crítica de arte e curadora independente.

Artistas participantes:

Raimundo Rodrigues, Osvaldo Carvalho, Manfredo de Souza Netto, Antonio Bokel, Victor Arruda, Edmilson Nunes, Marcos Cardoso e Felipe Barbosa